

ERNESTO SABATO ENTRE A GLÓRIA E O DESPREZO

Diogo de Hollanda¹

A morte de Ernesto Sabato, em 30 de abril deste ano, a apenas dois meses de seu centenário, motivou uma onda de elogios póstumos que, merecidos ou não, ocultaram mais uma vez do público brasileiro as inúmeras controvérsias que marcaram a vida e a obra do escritor. Com a generosidade típica dos obituários, a maioria dos jornais sugeriu haver um consenso, ou algo próximo disso, quanto ao valor literário de Sabato e seu lugar proeminente na literatura argentina. Mas nem mesmo no auge de sua trajetória o autor esteve perto da unanimidade. Elogiado por grandes nomes da literatura mundial, como Graham Greene, Thomas Mann, Albert Camus e José Saramago, Sabato teve recepção crítica irregular em seu país. Embora *O túnel* (1948) e *Sobre heróis e tumbas* (1961) sejam geralmente valorizados, seu terceiro e último romance, *Abaddón, o exterminador* (1974), foi crivado de qualificações negativas e sua ensaística é considerada mediana por alguns de seus maiores defensores.

Na academia, apesar do lançamento recente de uma edição crítica de *Sobre heróis e tumbas* (Alción, 2009), Sabato hoje é relativamente pouco estudado e visto com desinteresse por especialistas relevantes em literatura argentina. Digo isso por experiência própria: em 2009, antes de entrar para a UFRJ e iniciar um projeto de mestrado com a orientação de Bella Jozef, uma respeitada professora argentina me havia aconselhado a mudar de tema, pois dificilmente, segundo ela, encontraria alguém disposto a orientar-me sobre o autor. Mais tarde, embora tenha conhecido grandes admiradores, tornei a escutar veredictos implacáveis, principalmente de argentinos. Alguns criticavam a posição política de Sabato; outros esvaziavam a importância de sua obra. E um terceiro grupo simplesmente ignorava que ainda estivesse vivo.

Seus maiores críticos, porém, foram os próprios colegas de ofício. Publicada em 2000, 16 anos após sua morte, a correspondência de Julio Cortázar tem diversas menções jocosas, e às vezes amargas, sobre o autor de *O túnel*. Numa carta enviada a seu então editor, Francisco Porrúa, em 10 de maio de 1966, Cortázar escreve:

¹ Mestrando em literaturas hispânicas da UFRJ

Outra noite, em Paris, Mario Benedetti me contou que o moleque Ernesto [“el pibe Ernesto”] havia dito que eu tinha um estilo feminino que lembrava a Catherine Mansfield. [...] E pensar que se o moleque Ernesto alguma vez escrevesse uma única pagininha como a Simone de Beauvoir ou a Christiane Rochefort, estaria salvo para a literatura. (CORTÁZAR, 2000, p.1018)²

Os diários de Bioy Casares – editados após sua morte, em 1999 – são igualmente fartos de maledicências. Em *Descanso de caminantes* (2001), Bioy diz que Sabato lhe pediu para revisar os manuscritos de *O túnel*, mas, quando recebeu o texto de volta, ficou bastante contrariado.

Ele vinha disposto a receber elogios por um grande livro; eu lhe devolvi um livrinho, repleto de erros de composição, que não podiam ser corrigidos (como essa patética imitação de Huxley, a discussão sobre os romances policiais que interrompia o relato) e páginas rabiscadas de elementares correções em vermelho (...). (BIOY CASARES, 2001, p.131)

Também em *Borges* (2004), o diário de 1.600 páginas em que Bioy anota seus diálogos com o amigo Jorge Luis Borges, Sabato é vítima contumaz do deboche e menosprezo dos dois escritores. Numa passagem de 1956, Borges menciona a proximidade das eleições para a presidência da Academia Argentina de Letras e, criticando a instituição, comenta: “Deveriam levar energúmenos: o Sabato ou o [Ezequiel] Martínez Estrada” (BIOY CASARES, 2004, p.183). Mas a acidez não emana apenas de escritos íntimos de autores mortos. Representantes da ficção contemporânea, como César Aira e Alan Pauls, desancaram publicamente a obra do escritor. Em seu *Diccionario de autores latinoamericanos* (2001), Aira, um dos nomes mais respeitados pela crítica, diz que Sabato tem um “robusto senso comum” e “ideias convencionais e politicamente corretas” que o transformaram em favorito da mídia na velhice (AIRA, 2001, p.498-499). Alan Pauls, por sua vez, autor do premiado *O passado* (2003), afirmou a *O Globo*, em 1997, que o escritor era “péssimo” e “o mais gigantesco blefe” já produzido na literatura de seu país.³

A tal ponto chegou a situação que o crítico e escritor Abelardo Castillo disse que bater em Sabato havia se transformado em um esporte nacional para os argentinos. Ricardo Piglia, tido por muitos como o maior expoente da atual ficção do país, afirmou mais de uma vez que as críticas eram exacerbadas por fatores extraliterários. Em entrevista

² Todas as traduções são minhas.

³ “Relato de uma metamorfose”, entrevista a Flávio Ribeiro de Castro. In: *O Globo*, suplemento “Prosa & Verso”, 04/01/97, p.6.

concedida em 2009 à revista eletrônica *Letral*, da Universidade de Granada, Piglia disse ver em Sabato parentescos com Juan Carlos Onetti, mas ressaltou que um crítico dificilmente reconheceria os laços, “porque Sabato ficou relegado, talvez por ser um tipo de escritor com posições políticas muito oportunistas, muito exibicionista, antipático e muito arrogante”. Em seguida, esclareceu que, apesar das semelhanças, considerava Onetti bastante superior.

Justos ou injustos, boa parte dos ataques foi semeada pelo próprio Sabato, que desde o primeiro livro (“Nós e o universo”, de 1945) demonstrou uma propensão irrefreável ao confronto. Em seus escritos sobre literatura, os exercícios analíticos chegam a ficar em segundo plano diante do esforço permanente de defender suas ideias e atacar as alheias. E com uma particularidade: não se trata apenas de opor pensamentos e concepções sobre a atividade literária. A disputa se estende à figura do autor: sua postura, suas angústias, sua biografia. A declaração mais enfática desta batalha de personas está em “O escritor e seus fantasmas” (1963), em que Sabato estabelece diversos antagonismos (“escritores exploradores” contra “escritores inventores”, “ficção gratuita” contra “ficção problemática” etc) e afirma a preeminência do modelo de autor que, naturalmente, pretende encarnar.

Alimentadas pela divisão entre os escritores exilados e os que permaneceram durante a ditadura, as farpas com Cortázar foram, inclusive, levadas à ficção. Em *Abaddón, o exterminador*, o autor de *História de cronópios e de famas* (1962) é cutucado pelo menos duas vezes pela voz do personagem Quique, que alude a *O jogo da amarelinha* (1963) falando de um “romance capicua”, que “se pode ler de frente para trás e de trás para frente” (SABATO, 2006a, p.195). Em outro momento, o personagem comenta que “o negócio fica perfeito se, deixando de lado um nacionalismo mal-entendido, você se manda para Paris e ingressa na nova esquerda” (idem, p.193).

Mas todas essas rugas não impediram ao autor de *Sobre heróis e tumbas* conquistar admiradores de fazer inveja a qualquer escritor. O primeiro foi Camus, que impulsionou sua carreira ao recomendar a publicação de *O túnel* pela editora Gallimard, de Paris (SABATO, 2006b, p.80). Até então o livro havia saído em Buenos Aires graças ao empréstimo de um amigo, depois que Victoria Ocampo (cunhada de Bioy Casares e dona da revista *Sur*) havia se recusado a publicá-lo (idem, p.79). Nos últimos anos, quando ficou cada vez mais recolhido, Sabato teve em Saramago um de seus melhores e mais generosos interlocutores. Coube a ele, em seu aniversário de 98 anos, presenteá-lo com palavras consagradas, que o colocaram lado a lado com os maiores nomes da

literatura do século XX. “Estou certo de que ao século que acabou se virá a chamar também o século de Sabato, como o de Kafka ou o de Proust”, escreveu o escritor português, no blog que mantinha na ocasião (SARAMAGO, *O caderno*, 24/06/09).

REFERÊNCIAS

AIRA, Cesar. *Diccionario de autores latinoamericanos*. Buenos Aires: Emecé/Ada Korn Editora, 2001.

BIOY CASARES, Adolfo. *Descanso de caminantes*. Buenos Aires: Sudamericana, 2001.

_____. *Borges*. Buenos Aires: Ediciones Destino, 2004.

CASTRO, Flávio Ribeiro de. “Relato de uma metamorfose”. Entrevista a Alan Pauls. In: *O Globo*, suplemento “Prosa & Verso”, 04/01/97, p.6.

CORTÁZAR, Julio. *Cartas*, v.2 (1964-1968). Buenos Aires: Alfaguara, 2000.

DIELEKE, Edgardo. “En Santa María nada pasaba”. Entrevista a Ricardo Piglia. In: *Letral*, n.2, 2009.

SABATO, Ernesto. *Abaddón, el exterminador*. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

_____. *Antes del fin*. Buenos Aires: Seix Barral, 2006.

SARAMAGO, José. “Sabato”. In: *O caderno* (blog do escritor), em 24/06/09.